



## THE DOORS, OS JOVENS E A MORTE: POR QUE A MORTE E A JUVENTUDE ESTÃO TÃO PRESENTES NA LETRA DA MÚSICA THE END.

**Autores:** DIRAN BAIXA VERDE PEREIRA NETO;

### *THE DOORS, OS JOVENS E A MORTE: POR QUE A MORTE E A JUVENTUDE ESTÃO TÃO PRESENTES NA LETRA DA MÚSICA THE END.*

**Resumo:** Em julho de 1965, Jim Morrison e Ray Manzarek criaram nos EUA a banda *The Doors*, caracterizada pelo som estilo *rock* psicodélico, bem como por letras poéticas e que, a partir do viés de revolução da época, tem as guerras, angústias humanas e quebra do *status quo* como suas principais abordagens. O clima de mal-estar dos anos 1960 e 1970 e a ascensão dos jovens como mercado consumidor compunham o cenário de projeção da banda americana. De críticas ao governo americano, guerras e conflitos sociais marcaram a composição de suas canções, performances, produções artísticas e a ascensão de seu vocalista a ícone do *rock* tido como “o galã” do mundo musical da época, bem como as polemicas que ele se envolvia marcaram a história do grupo musical. A partir dessas premissas, a proposta do trabalho é problematizar aspectos sobre o fascínio que a morte exerce sobre os jovens como bem relata a música *The End* (1967) que faz parte do álbum de lançamento da banda no mercado estadunidense que tem o mesmo nome do grupo *The Doors*. Em especial, essa música trata o tema “morte e morrer” de uma maneira poética e profunda com um som que naquele momento era o gênero mais ouvido entre os jovens, justificando nossa análise. Do ponto de vista metodológico, usaremos a música para discutir aspectos do pensamento dos jovens sobre a morte presentes na letra, som e inspiração do compositor ao compô-la. O trabalho se justifica, ainda, pela atratividade que a música ainda exerce sobre o público das gerações que nasceram muitos anos depois da morte do Jim Morrison, e a separação do grupo musical. Outro ponto relevante, diz respeito ao desempenho das vendas de discos da banda depois da morte de Morrison terem aumentado e como a indústria fonográfica fatura em cima da imagem póstuma dele até os dias atuais.

**PALAVRAS CHAVE:** *The Doors, The End, Morte, Jovens e Rock in Roll*

#### *The Doors*

O *The Doors* era um conjunto musical de *rock in roll* americano formado pelo vocalista Jim Morrison e o tecladista (pianista) Ray Manzarek em 1965. A formação original era formada por Jim Morrison (voz), Ray Manzarek (teclados), Robby Kieger (guitarra) e John Densmore (bateria). A origem dos *The Doors* se dá de um encontro ao acaso entre dois estudantes da escola cinematográfica UCLA, Jim Morrison e Ray Manzarek, em *Venice Beach*, Califórnia, EUA em Julho de 1965. Morrison disse a Manzarek que andava a escrever canções e, a pedido de Manzarek, cantou *Moonlight Drive*. Impressionado pelas letras de Morrison, Manzarek sugeriu que formassem uma banda. A banda foi buscar o nome do livro *The Doors of Perception*, de Aldous Huxley, que por sua vez o tinha ido buscar a um poema de William Blake, artista e poeta do século XVIII que dizia: “*If the doors of perception were cleansed, everything would appear to man as it is: infinite*” (se as portas da percepção fossem abertas, tudo apareceria ao homem como realmente é: infinito). A banda destacou-se na cena da época, porque foi uma das primeiras a tratar de temas obscuros, mulheres e dinheiro, mas também porque a sua música continha letras de cunho político, escritas na sua maioria por Jim Morrison. A batida “jazzística” de Densmore, o bailado das teclas de Manzarek, que com a mão esquerda tocava as partes que deveriam ser tocadas pelo baixo, e a guitarra de Krieger, que mostrava grandes influências do flamenco, da música indiana, do *blues* e da guitarra clássica, combinadas formavam um som original. Muitas das músicas dos *Doors* eram feitas em comunidade; Morrison normalmente fazia as letras e parte da melodia, enquanto os outros trabalhavam no ritmo e composição da música. Morrison uma vez passeava numa praia da Califórnia com Manzarek, quando passaram por uma jovem afro-americana; tendo escrito, baseado nisso, em apenas uma noite, a letra de “*Hello I Love You*”, referindo-se à jovem como “ *dusky jewel*” (jóia negra). Os *Doors* revolucionaram a música da época com um novo jeito de se comportar nos palcos até mesmo porque em sua formação original e em suas apresentações ao vivo eles não tinham um baixista o que levava Ray Manzarek a fazer as partes do baixo em seu teclado usando a mão direita, no palco, Jim Morrison comportava-se como um garoto rebelde com atuações altamente extravagantes, os *Doors* eram um típico representante do pensamento revolucionista daquele momento, o sucesso da banda foi instantâneo, pois representavam exatamente o que a indústria fonográfica dos Estados Unidos da América nos anos de 1970 buscavam, o grupo aliava som, letras, performance de palco e uma dose cavalari de rebeldia de seu líder e vocalista Jim Morrison que atraíam a atenção e desejos de milhões de jovens fãs, prova disso é que a banda rapidamente ganhou reputação devido à sua rebeldia, principalmente nos concertos. Quando se apresentaram no famoso Ed Sullivan Show, que já tinha mostrado grandes bandas como *The Beatles*, *The Rolling Stones* e *The Who* para o público, a censura da época exigiu que o grupo alterasse a letra de “*Light My Fire*” (Acenda meu fogo) mudando o verso “*Girl we couldn't get much higher*” (Menina não poderíamos chegar muito mais alto) para “*Girl we couldn't get much better*” (Menina, não conseguimos muito melhor). Além disso, as mudanças nos padrões familiares potencializados pela Revolução Cultural dos anos 1960 mudou a história do mundo. É exatamente nesse período

Jim Morrison era um representante da contracultura americana e um grande cantor e poeta, mostrou isso em seus últimos anos de vida compondo verdadeiras obras de arte em forma de música e poesias. Em 1967 compôs a música *The end*, alvo central de nossa análise. Jim Morrison era um artista que personificava o pensamento *beat* daquele momento.

### *The Doors* e a morte

O forte apego pela poesia e o movimento da contracultura norte americana dos anos 1960 e 1970, conforme explicitado é uma das marcas da banda norte americana. O vocalista Jim Morrison era um poeta e grande ícone o pensamento cultural daquele momento. Tal aspecto, fez com que o *The doors* optasse por construir seus álbuns em cima desse perfil artístico e musical, com base nas composições poéticas de Morrison, o grupo musicalizava suas poesias e adaptavam suas performances de palco de forma a sempre serem coerentes com o pensamento que às letras passavam como mensagem. Outro aspecto importante é que nas letras compostas por Morrison é possível encontrar pensamentos críticos a sociedade consumista americana e a apresentação da morte como solução ao sofrimento e desesperança do ser humano, a música *The end* lançada no ano de 1967 no álbum que leva o nome da banda, tem como tema a falta de esperança e uma imagem da morte como algo que traz um renovo e alívio para os angustiados, essas questões são nossos principais alvos de análise.

Em *The Doors* (1967), os *Dorrs* exploram o tema morte e fim como grande impulsor para o sucesso de seu álbum, tanto que em sua performance a música *The end* era tocada ao final de suas apresentações, assim sempre encerrando os seus concertos, no momento da execução da música o vocalista Jim Morrison assumia uma postura alucinada no palco interpretando com muita entrega a letra carregada de significados e sons alucinantes, fazendo assim o público embarcar em uma viagem que terminava sempre com o apagar das luzes e Morrison deitado ao chão simulando a partida de sua alma do corpo, nesse caso a música *The end* seguia uma lógica bastante peculiar, pois o vínculo com a morte neste caso eram utilizados como instrumento de propaganda para o sucesso da banda.

A música *The end* tem como seu principal tema a morte nela chamada como “fim”, em seu início observa-se tratar de um desabafo muito profundo de alguém que está cansado e decepcionado com o que a vida lhe oferece em detrimento do que ele anseia quando nela Morrison diz: “*The end... This is the end beautiful friend, my only friend, the end, of our elaborate plans, the end, of everything that stands, the end*” (O fim. Este é o fim belo amigo, este é o fim, meu único amigo, o fim dos nossos planos elaborados, o fim, de tudo o que resta, o fim), ao observar esse trecho da música, notamos que a uma carga de emoção que ao compor Morrison fazia questão de deixar bem claro, o sofrimento era um traço marcante nas letras das bandas dos anos 1960, pode se ver que mesmo falando em pequenas metáforas é fácil entender que a música mostra que quando não tem mais saída o melhor caminho será sempre a morte pois ela dá fim a tudo, seja bom ou ruim, frustrações ou aspirações, Morrison era fascinado pela morte ele acreditava que a poesia da vida se encontrava no fato de ela ser fugaz, pois algo que tem fim deve-se ter mais valor, esse pensamento fora bem explorado na canção tanto que até o fato de sempre ela ser a última música executada no disco ou nas apresentações ao vivo já tinha uma representação muito especial para Morrison pois se tratava de simbolizar o termino de tudo, ou seja, “o fim”, sob este aspecto e conveniente ainda destacarmos a idade de Morrison ao escrever a letra de *The end* pois este dado justifica a análise.

No momento da composição da música Jim Morrison não deixa de lado o momento de indefinição que o mundo passava, pois os jovens não sabiam mais o que era a fome nem sabiam o que era passar por privações como a geração de seus pais viveram de perto, sendo assim naquele momento era possível e preocupar com algo mais importante do que apenas lutar para ganhar o dinheiro necessário para subsistência, então criava ali a geração que não tinha mais a pobreza como preocupação e sim uma crise existencial, filosófica e sociológica. No momento que grandes massas de jovens se engajam em movimentos sociais pró liberdade de gênero e sexual, movimentos feministas e afirmação dos negros na sociedade, surgiam também os grupos *hippies* que lutavam pela paz e pelo fim da guerra que os EUA travavam contra o Vietnam. O *The Doors* ao cantar *The end* embarcava nessa grande onda mundial de libertação espiritual e psicológica, os jovens tinham essa letra como um desabafo sobre os seus pais e um sistema que jugavam amarrado e engessado ao qual não queriam pertencer, assim, quando não conseguiam se libertar por meio de drogas, bebidas ou sexo, eles acreditavam que a morte era a solução.

A influência da morte na música é de fato muito importante, pois ela permeia toda a história contada nela, em um trecho que Morrison cita que está em um ônibus azul e não sabe pra onde o motorista está levando a todos ali dentro, claramente faz referência à uma suposta viagem que a alma faria depois de morrer, nesse momento onde o personagem da história diz não saber pra onde vai, nos mostra que Morrison se preocupava com o que aconteceria depois da morte, mesmo que a morte fosse uma coisa que Morrison flertava o tempo todo de forma deliberada e até mesmo apaixonada, de fato percebe-se que o pensamento da época era que embora a morte fosse a solução final para tudo ainda assim era assustadora e confusa.

Toda vez que fosse cantar *The end* Morrison tratava antes de fazer um pequeno discurso no palco, sempre discursava sobre algo sobre natural ou criticava conceitos políticos e sociais, mesmo que embora fosse nem ser ouvido pois a multidão já ficava ensandecida em apenas saber que a hora final estava chegando, Morrison fazia disso uma marca e de certa forma um evento dentro do show, ele abusava de encenações teatrais no palco durante todo o show mas no momento de cantar *The end* ele se superava parecia se energizar e começava a incorporar um personagem que parecia ser feito sob medida para a música, começava sempre falado baixo e em tom pacífico mas quando chegava no auge da música começava a vociferar alto e firme tanto que alguns fãs acreditavam que ele ficava possesso por algum demônio, fato que em um trecho muito polêmico da música onde diz: “*father? – Yes son – I want to killer you, Mother, I want to fuck you*” ( Pai? Sim filho – eu quero te matar. Mae, eu vou te foder.), Morrison começa em voz baixa e firme e no momento que termina a frase parece está em grande discussão devido a sua imersão completa no personagem criado por ele mesmo. Ao terminar a música quando ao vivo ele sempre cai no chão fazendo passar a imagem de que teria morrido levando assim o público e os fãs ao delírio.

*The end* é por muitos especialistas e estudiosos do *rock* considerada como umas das músicas mais influentes da história, e sua influência no mundo é notada principalmente por mesmo depois dos *Doors* se separarem ela continua sendo uma das mais tocadas e baixadas em sites especializados em vendas de músicas digitais, uma das justificativas para isto pode se dar por ela ter em sua composição esses temas sempre trazem fascínio sobre os jovens, trazendo assim o tema da morte e o fim do sofrimento e angustia, sentimentos muito fortes nos adolescentes e jovens até o presente momento, toda vez que algum jovem ouve a canção composta por Jim Morrison e executada com maestria por todos os membros dos *The doors*, as imagens angustias e sofrimentos vividos por toda a geração dos anos 1960 e 1970, voltam à cena novamente por via dessa nova geração, o presente estudo visa problematizar os aspectos econômicos, e lucros obtidos pela indústria fonográfica mundial ao explorarem o tema da morte no meio dos jovens e adolescentes espalhados pelo mundo, faturando assim bilhões de dólares ao explorarem incansavelmente esses temas tão fascinantes e ao mesmo tempo perigosos.

## Referencias:

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ALMEIDA, Alessandro de. *Os Maias nas trilhas do rock do Iron Maiden: mote, eternidade, sacrifícios e o calendário dos lucros da banda inglesa*. Montes Claros 2016.

MOTA, António Costa. *The Doors*, Portugal, 2012. Disponível em: <[http://www.aofa.pt/artigos/Antonio\\_Costa\\_Mota\\_The\\_Doors.pdf](http://www.aofa.pt/artigos/Antonio_Costa_Mota_The_Doors.pdf)>. Acesso em 01/08/2017.